



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Thomas Lo
(entrevista)

São Paulo, SP

2007

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-958

Nome do/a entrevistado: Thomas Lo

Local da entrevista: São Paulo, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 20/05/2007

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 2 hora e 30 minutos.

Páginas Digitadas: 41.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: LO, Thomas. Entrevista com Thomas Lo concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 20 mai 2007, 44 p.

SUMÁRIO

Imigração para o Brasil; Início na Arte marcial; Trabalho com o Kung Fu; Difusão do Kung Fu em São Paulo; Diferenças culturais; Envolvimento com a medicina oriental; Relação mestre-aluno; Preconceito entre imigrantes; Filosofia na Arte Marcial; Período da Ditadura Militar; Brasileiro atuando na Arte Marcial; Artes marciais e esporte.

São Paulo (SP), **20 de maio de 2007**. Entrevista com Thomas Lo (**T.L.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Mestre, então, é...

T.L. – Boa tarde!

F.M. – Brigado. Boa tarde. Conta um pouco da sua história, né. Quando o senhor nasceu, que lugar.

T.L. – Ah. Bom, eu veio a Hong Kong...

F.M. – Hum.

T.L. – Então aquela época ainda era colônia britânica. Eu nasci em 1943. E, bom, como qualquer cidadão lá..., então, bom, sobre arte marcial e aquele época gente não pensa que da aula. Eu nunca pensei que dá aula, ensiná alguém.

F.M. – O senhor saiu do Hong Kong com que idade?

T.L. – Eu, depois que terminei minha, minha Faculdade...

F.M. – Em medicina chinesa?

T.L. – Não. Eu realmente estudei várias coisas. Eu me formei na engenharia mecânica como mais técnica né...

F.M. – Humrum.

T.L. – ...e como universitário é segundo ano, né. Depois eu estudei lá no, ah, administração de empresa e arte comercial. Aquele época eu comecei a treinar mais sério...

F.M. – Isso...

T.L. – ...a arte marcial.

F.M. – Ao mesmo tempo treinando arte marcial e estudando?

T.L. – É.

F.M. – E, e o senhor veio de lá pra cá porque motivo?

T.L. – Ótima pergunta.

[Risos]

T.L. – Porque era um, depois que me formei em 1968, ora eu procurei que é estudar mais aí, aquele época era muito caro estudar no exterior, então eu pedi bolsa pra Faculdade do Canadá e dos Estados Unidos. Aí pedi e acertou. Mas quando eu pedi bolsa, já acabou este porque só tem no ano que vem. Então tive que esperar. Aí eu peguei passaporte e comecei a viajar e fiquei a, no navio fiquei viajando até fim eu parei aqui no Brasil. Em junho de 1969, fevereiro.

F.M. – O senhor chegou antes do mestre Yip Fu Kwan?

T.L. – Eu não sei que, que ano que ele chegou.

F.M. – Ele chegou parece que em 1971.

T.L. – 1971?

F.M. – É.

T.L. – Eu cheguei em 1969. Fevereiro.

F.M. – Então assim, é, o se..., o motivo por ter saído de lá era só queria conhecer o mundo, não teve nenhum tipo de motivação econômica ou alguma coisa do tipo?

T.L. – Não. Eu francamente, é..., saí de lá justamente pra procurar novidade. Procurar conhecer o mundo. Graças a Deus família não precisava de mim. Então...

F.M. – O senhor é filho mais novo, mais velho?

T.L. – Não. Do meio.

F.M. – Do meio?

T.L. – Do meio.

F.M. – Ah.

T.L. – São cinco irmãos. Tenho uma mais velha, irmão, tem eu, irmão.

F.M. – Em Hong Kong não tem a questão que tem na China, com relação..., hoje deve ter, mas na China tem, tem uma questão de não poder ter muito filho, né, nessa época não tinha essa questão?

T.L. – Não, não. Aquele ano não tem. Em Hong Kong nunca foi um... nesse aspecto.

F.M. – E..., bom, então o senhor veio pro Brasil, chegou aqui e aí, chegou no navio, né, e já de cara veio pra São Paulo? Como é que foi? Chegou em Santos?

T.L. – Não, eu cheguei primeiro, primeiro dia foi acho que dia ... de fevereiro eu cheguei. Bom, cheguei no Rio de Janeiro.

F.M. – Humrum.

T.L. – Mas Rio de Janeiro, bom, ah, eu comecei a me conceder pra lugar bem bonito, porque ninguém quer. Então tem alguma coisa parecido...

F.M. – Sim.

T.L. – ...é..., mas cheguei lá, gostei, um amigo que me recebeu lá. ... Aí fiquei lá três dias passeando, conhecendo Rio de Janeiro...

F.M. – O senhor, o senhor tinha dinheiro já, já saiu de Hong Kong com um certo dinheiro?

T.L. – Não tem muito não. Não me lembro acho que 500 dólares...

F.M. – Humrum.

T.L. – Naquele época era dinheiro.

F.M. – Humrum. E o senhor conseguiu isso trabalhando lá? Esse dinheiro?

T.L. – Não. Eu fiquei... depois eu, ãh, ter 10, mesmo ... um dia. Aí eu cheguei em São Paulo. Aí eu tenho um padrinho. Eu conheci esse padrinho meu, aí ele me recebeu.

F.M. – Esse padrinho era um amigo, um familiar, que era?

T.L. – Padrinho mesmo. Padrinho de batismo.

F.M. – De batismo. Hum. Então é um Chinês que...

T.L. – Aí...

F.M. – Chama chinês quem nasce em Hong Kong? Ou chama, tem algum outro nome?

T.L. – Nascer na Hong Kong, você era britânico. É como um...

F.M. – Hum. Naquela época, hoje já não?

T.L. – Agora é Chinês, né.

F.M. – É. Humrum.

T.L. – A gente sempre considera é, é, nacionalidade britânico lá porque tem passaporte, tudo documento.

F.M. – O senhor chegou a trabalhar em Hong Kong com sua formação de engenheiro ou administrador?

T.L. – Bom, ..., trabalha como, é, projetista...

F.M. – Humrum.

T.L. – ...fica na firma 3 meses depois sai. Ah, num...

F.M. – Num gostava muito?

T.L. – É. Aqui dentro povo diz, é proble..., primero é muito jovem demais. É..., e família num precisa... Então, então não liga muito. Só brincando, vai trabalhá, num gostou saí. E, prestando concurso de alguma firma conseguia? Eu consegui. Não conseguia? Não consegui. Num, num le..., num levei sério.

F.M. – Hum.

T.L. – Então, trabalho como projetista terra, de navio é, trabalhei como professor, é, inglês, chinês, de matemática e..., que mais? É só assim.

F.M. – Daí cansou daquela vida, pegou o navio e parou aqui no Brasil?

T.L. – É.

F.M. – Aí, seu padrinho te ajudou aqui.

T.L. – É. Aí me recebeu, fiquei na casa dele.

F.M. – O senhor já tinha conhecimento da medicina chinesa pra, pra trabalhar com acupuntura?

T.L. – Sim, já.

F.M. – Isso também foi na Universidade laquê você adquiriu esses conhecimentos?

T.L. – Esse ta mais..., foi um pouquinho mais tarde.

F.M. – Hum.

T.L. – Né, um pouquinho mais tarde.

F.M. – O senhor, o senhor chegou aqui com quantos anos?

T.L. – Acho que vinte e..., 23, 24.

F.M. – Já tinha toda essa bagagem?

T.L. – É

F.M. – E sempre teve uma arte marcial lá?

T.L. – Sim, ó, aquele época que eu treino mais, mais séria, era época que quando eu tava em faculdade. Eu como primeiro ano, como caloro, aí no começo de treino eu só ficava

observando aí percebendo o rapaz, aí eu posso te mostrá coreografia que..., o quê que ele..., eu encontrei ele de volta... esse era meu treino.

F.M. – Hum.

T.L. – ... Aí ele, aquele época ele, ele era, ah presidente da Associação de Aluno da, como que chama? Da Academia Administração.

F.M. – Como se fosse um centro acadêmico aqui nas Universidades? As Universidades têm Diretório Acadêmico, Centro Acadêmico, onde reúne os alunos.

T.L. – É. Igual, aí ele é..., eu não conheço mas só a pessoa gosta de mexer, né, sabe que é ele, ele, é bom ter luta, né. Todo mundo vê japonês. Mas fui perceber não só a pessoa enchendo o saco dele mas ninguém chega perto...

F.M. – Hum.

T.L. – ...tá brincando, atende bem assim, ninguém chega perto. Interessante. Aí através a isso eu cheguei no Comitê, ele é presidente da Associação. Depois eu comecei, sabe, fiquei sabendo que ele pratica Wing Chun né. Então, esse primeiro ano, aí ele já é assim, ele já assim... e eu não sei que aconteceu. Deixa eu ver. É, através de outro departamento, tenho um colega que fica em outro departamento, aí me apresentou a ficar no..., mexendo as pessoas. Aí, segundo ano, ele mesmo é: “que tal você participa, executar alguma coisa lá no, na Associação”. Mas daí eu nunca fiz nada na minha vida. Né, “então vai, vai entrá lá que você pode ajudá, ajuda”. Aí me escolheu como um... dele. Aí tem que ter quatro tudo dia com ele.

F.M. – Humrum. Ainda mexer com o dinheiro ainda, né.

T.L. – Aí eu comecei a aprender com ele. Todo dia. Porque nós temos um escritório é, assim, como se fala? Aí ele me lembra aquele época..., e eu tenho mais de três colega de outro departamento. Aí pedi a ele pra dá aula pra gente, né. Aí ele..., aquele época ele, ele

num dava aula publicamente, contrato. Então ele deu aula pra nós três. Aí quatro pessoa e eu sou um que fica tempo todo.

F.M. – Bom, e aí...

T.L. – Naquele época a gente treina, não é como aqui o treino. Não, diferente. Gente treina realmente é para aprender. Não tem lá... ah é passá ou de..., para desenvolver nossa técnica, equilibra a mente. Não, não, a gente não conversa isso. E como que funciona?

F.M. – A questão era isso, era se preparar pro uma eventual briga, alguma coisa?

T.L. – É.

F.M. – Mas é..., acontecia com frequência de ter briga coisas assim?

T.L. – Sim, sim.

F.M. – E isso dentro da Faculdade?

T.L. – Não, não. Na Faculdade já menos porque ó, time que treina é diferente do que aqui. Por exemplo, aqui todo mundo vão se demonstrar né, coloca camisa, blusa de escola, falando... a gente não. A gente mantém é discreto.

F.M. – Mas por que Hong Kong era uma cidade violenta? E era necessário esse tipo de coisa?

T.L. – Não, não era. É a própria pessoa...

F.M. – Hum.

T.L. – Usando lá na Faculdade, quando tá treinando, a pessoa fica sabendo: “ah, ele tá treinando”. De vez em quando a pessoa fala: “pô isso tá uma merda”. Onde? A gente sempre, como diz, é, desafia um..., é, vamos brincar um pouquinho.

F.M. – Hum.

T.L. – Mas a gente nunca deixa como brincar, né, só fala brincar, né, mas ... vê o que é melhor.

F.M. – Hum.

T.L. – Então, a gente sempre tem um gotinha, na Escola, na Faculdade, deixa...

F.M. – É..., mestre, aí chegou no Brasil em 1969, né. É, o senhor tinha um padrinho aqui e, ele como que começou a vida, é, é trabalhando aqui?

T.L. – Ah, sim. Aí eu não falava nada, nada de português.

F.M. – Mas falava inglês né?

T.L. – É. Aí no navio eu conheci um casal, é...

F.M. – Era um navio de passageiros que fazia essa viagem da China pra cá?

T.L. – não. Aí conheço um casal ah, uma senhora é americana ele, senhor é médico. Aí começamos a conversar, aí que eu contei, é interessante, eu perguntei: “Como que é a vida lá no Brasil, né”? “Lá é maravilhoso”. Aí ele me perguntou: “Que você vai fazer”? “Sei lá. Vou ver o quê que eu posso fazer, né”. Então ele perguntou “se você trabalha com o que você aprende, você vai ganhar mais ...”, Naquele época, ... dois mil cruzeiro. Daí, dois mil cruzeiro, três mil cruzeiro ou cem cruzeiro. Não tem ninguém, nenhum.

F.M. – Humrum.

T.L. – Não, não sabia valor. “Vá lá”. “Tudo bem”. Aí cheguei no Brasil, aqui eu aprendi duas palavras:... e banheiro. Foi muito importante.

F.M. – Sim, sim, um pra comer e outro, né, pra fazer as necessidades.

T.L. – Aí, depois que e cheguei no Brasil, aí conversando com padrinho muda o foco, ele realmente é muito bom. Me aceitando em casa, “Ó, ó, escuta cm interesse se você quer ir pra Universidade”.

F.M. – É, o senhor falou que era padrinho de batismo, né? É, o senhor é católico ou...

T.L. – Católico.

F.M. – ...ou uma outra religião?

T.L. – Sou católico. Aí eu comecei a me virar sozinho. Aí estudei dois meses pra começar a escrever carta em inglês, não em português. Não sou gênio.

F.M. – Humrum.

T.L. – Manda carta para pedir serviço. E... tem uma fábrica de tecelagem, fiação, fábrica de fiação, me aceitou como que..., mandava pra todo interior. Tive muito no interior... Aí comecei, mas eu num falava nada e ia, mas ele não deu assistente, só fala o que quer.

F.M. – Sim.

T.L. – Aí, assim, assim que aprende, né. Então fiquei lá três anos e em 1970, acho que 70, porque eu..., a cidade que eu estava chama Amparo, né. Conhece?

F.M. – Sim, sim, sim, sim.

T.L. – Pequeninha.

F.M. – Do Rio de Janeiro o senhor parou então em Amparo?

T.L. – É.

F.M. – Hum.

T.L. – Aí, Amparo é uma cidade muito pequena, não tem nada muito de muita atividade, então quem conhece, conhece e fica sabendo que tem capoeira, fica sabendo que tem judô, karatê. Assim, mas ninguém sabia que tem kung fu. Aí em 1970, começando filme Kung Fu, aqui no Brasil. Ai uma começando com..., aí o meu padrinho falou: “Ó, porque você num, num dá aula de kung fu”? Falei: “Eu não falo português”, eu num falava português, “eu num conheço o lugar”. Aí ele me olhou e disse: “Eu dei aula lá”.

F.M. – No Clube em Amparo mesmo?

T.L. – Amparo, né. Tinha, começou tinha vinte e pouca pessoa. E... Depois, ficando, num sei, dois, três meses...

F.M. – Hum.

T.L. – Porque kung fu que a gente vê na filme é completamente diferente. Especialmente ..., é a forma muito feia. Eu gosto. Ele é só mais como fins prático. ... não é bom. Então não tem aquele pulo, não tem aquele chute terrível... Então, aquele época eu comecei e tal. Depois de lá eu também dei aula também na Serra Negra. Também no clube. Aquele lugar já tem mais gente, já tem mais que, como que chama?, o... tenente e tem aluno mais que 20 por aí. Mas eu ainda não vive com isso. É só, gosta de manter atividade, conhecer as pessoa. Assim.

F.M. – Mas já cobrava mensalidade ou alguma coisa ou não?

T.L. – Sim. Esse eu cobrava, interessante, nem sabe como que cobrar. Porque não tem, não tem o quê que é valor né.

F.M. – Hum.

T.L. – Mas que sou eu perceber, se você num cobra num se dá valor a re... a pessoa vem uma vez, duas vezes, aí entra. Ele num sente que é ... não tem pago. É assim. Aí, depois eu acho que hoje só se medida lá, setenta e..., setenta... eu sai de Serra Negra em 74, 74 e 75. Aí, eu fiquei em São Paulo, fiquei sabendo que monte de gente tava lutando kung fu.

F.M. – Em 1975?

T.L. – É.

F.M. – Mas hoje em São Paulo tem, é, imigrantes... trabalhando, é, com o kung fu, né?

T.L. – Eu não sei, porque..., deixa eu..., tirando idéia como que é num... como o que é?

F.M. – Existem muitos imigrantes, pessoas que vieram de Hong Kong ou de outras partes da China, trabalhando com kung fu hoje em São Paulo? Se o senhor conhece.

T.L. – Bom, eu acho que é só... arte marcial eu só conheço um, dois, um, dois, três, quatro, cinco...

F.M. – Imigrantes né?

T.L. – É

F.M. – Pessoas que vieram de lá. E, mas o, já, nessa época tinha mais gente trabalhando do que hoje?

T.L. – Não. Eu tô dizendo, tem monte de gente que aprendeu alguma coisa, maioria são brasileiros já...

F.M. – hum.

T.L. – Para mim, para a gente abre a academia, malha... [acabou o lado da fita].

[Início de fala cortada]

F.M. – ...no Brasil, faz um outra aqui.

T.L. – Claro. Tem que tá ... Primeiro, já, você aprendeu? Você quer abrir a academia? Você tem que pedi autoridade, autori..., autorização de seu mestre. De seu mestre... Aí, o mestre como anunciá com um colega dele, com outra estido, com outra academia “Ó, ele é meu aluno, meu discípulo, ele vai abrir uma academia... no meu nome, meu estilo, espero que todo mundo ajude ele e tal, assim. Não é “ô, amanhã a gente aprende”.

F.M. – Que é muito fácil.

T.L. – Não. A porta fica na fila...

F.M. – Então chegou aqui em São Paulo em 1975?

T.L. – É.

F.M. – E aí logo abriu a academia?

T.L. – Não, não. Eu nunca, nunca vivi com isso.

F.M. – A sua atividade em São Paulo foi qual então?

T.L. – Eu cheguei em São Paulo, aí eu é, aqui, eu trabalhei com...

F.M. – Hum.

T.L. – Eu nunca, nunca vivi com isso. Nunca pensei que em dá aula. Eu dou aula é só como diz, hobby, né?

F.M. – Sim. É uma segunda atividade, mas não é uma atividade muito importante?

T.L. – É, é.

F.M. – Economicamente falando.

T.L. – É.

F.M. – E no Rio trabalhava com que?

T.L. – Eu trabalha, Front Office, é, como recepção. Aí eu trabalha mais Holping.

F.M. – Hum. Ta usando conhecimento que o senhor tinha na Faculdade.

T.L. – É, da administração sim. Então, é mais cálculo. Trabalha na noite, só cálculo. Prepara relatório de movimento, onde vem as pessoas,... física.

F.M. – E como é que era a cidade nessa época a cidade de São Paulo? Era bem diferente do que é hoje né, ou não?

T.L. – Olha, francamente aqui é meio divagar compara com Hong Kong.

F.M. – Ah.

T.L. – Compara com Hong Kong aqui é bem devagar.

F.M. – Naquela época? Hoje, hoje, ainda hoje também?

T.L. – Hoje também. Lá no Hong Kong se você não vai num tempo de 5 ano, você nem conhece a realidade.

F.M. – Que muda muito?

T.L. – Muda muito. Muito rápido. Muda rápido. Agora China também. China, Xangai, Beijing, Guangzhou, tudo essas cidades grande muito, muito rápido.

F.M. – E, e tinha muito assim, o senhor percebeu, assim, se tinha muitos orientais, né, nessa época na cidade?

T.L. – Aqui em São Paulo?

F.M. – Sim, sim.

T.L. – Bom, eu, para mim eu sempre fui..., muito tempo em Amparo. Amparo só tem meu padrinho, minha madrinha, tem mais um, é, meu ex-chefe. Num chega a 4, 5 pessoa. E onde a gente ia por 10? Então não é muito. Lá na fábrica. Depois em São Paulo, o que..., meu serviço tem mais é para, como diz? Internacional. Então eu num vi... eu num freqüento muito lá na colônia chinesa.

F.M. – Num teve muito contato com a colônia?

T.L. – Não tenho. Pouco. Ah, conhece? Conheço, logicamente mas... Aquele época é..., gente chega 10 mil, 20 mil, por aí. Agora já muito mais.

F.M. – Hum. E nem conhece todo mundo. E vieram pra cá por diferentes mo..., muitos vieram na época da... tinha muito chinês que vieram por causa da Revolução Cultural, imagino.

T.L. – É, aquele época fugindo é difícil de dizer porque aquele época, eu ainda estava na Faculdade. Ai na Faculdade você nunca vê isso.

F.M. – Era..., Hong Kong tava fora, né?

T.L. – É, é. Realmente fora assim, mas ao lado né.

F.M. – Sim.

T.L. – Encostando né.

F.M. – Hum. Então, mas eu digo que aqui em São Paulo tinha alguns chineses que fugiram nessa época?

T.L. – Ah sim. Sim. Fugiu, pode ser fugiu, pode ser imigrante, sei lá. Então, cada um procura a vida dele.

F.M. – Sim. E, e o senhor foi morar onde aqui em São Paulo?

T.L. – Aqui?

F.M. – É.

T.L. – Eu morava na Bela Cintra.

F.M. – Próximo ao trabalho?

T.L. – É, é, próximo do trabalho. O... está na Av Ipiranga.

F.M. – Hum.

T.L. – É centro né. Agora mudou pra Morumbi. Sempre assim, sempre mora...

F.M. – E trabalhou quantos anos já?

T.L. – Quanto tempo? 5 Anos.

F.M. – Também não gostou?

T.L. – Depois eu voltei para Hong Kong.

F.M. – Ah, depois de 5 anos voltou para Hong Kong? Ah.

T.L. – Voltei para Hong Kong, fiquei lá um tempão, depois voltou pra..., voltei pra cá. Aí trabalha com...

F.M. – Em Hong Kong aí reveu a família e, e lá..., e aí que começou a questão da medicina oriental?

T.L. – Sim.

F.M. – E quando que foi a volta? Foi em 80?

T.L. – Não, não. Eu fiquei aqui..., bom medicina ori..., é, oriental realmente eu comecei acho que em mil novecentos e..., mil novecentos e sessenta..., acho que sessenta e cinco.

F.M. – Ah, antes de vir pela primeira vez?

T.L. – O que..., aconteceu que aquele época minha mãe queria que eu estudasse medicina ocidental. E eu num quis. Eu falei: “Eu num gosto”. Aí eu teve que me formar de administração só pra... Naquele época minha tia sofreu um acidente de trânsito. Carro pegou ela, né, e levou pra hospital, aí por sorte o cirurgião que tratou ela é melhor que tem. Aí, o cirurgião falou pra minha família, porque minha tia morava com a gente, falou: “A vida a gente já salvou, mas ninguém sabe quando ela pode levantar. Paralisada. Mas a família tem que levar ela para casa. O Hospital num dá”.

F.M. – Num dá mais para ficar no hospital?

T.L. – É. Num dá porque num compensa. Então... Já era né...

F.M. – Hum.

T.L. – ...já tem gente que fica na cama a vida inteira. Minha vó fica muito triste, ficava muito triste. Aí um dia ela encontrou um colega dela, uma médica, fugiu da China...

F.M. – Hum.

T.L. – Uma médica. Aí encontrou, ah, de repente encontrou, ah tá contando como é que é lá, com minha tia? Ela falou: “ela está na cama e espera acontecer assim”. Aí ela falou então: “então vamos ver”. Aí com o tempo, examinou, falou assim, aí ela falou: “Eu vou tratar ela. E ela vai voltar a andar”. Eu quero ela levantar, tem que ter três... Aí ela começou a tratar e avaliar. Aí, levantou minha tia nessa idade. Aquele época começou, observei, pra começar observar, fui lá observar. Aí cada vez ela foi ver... lá em casa, ela tratou minha tia... Chegou dois meses quando minha tia ficou de pé. Ficou de pé.

F.M. – Só com a medicina tradicional chinesa?

T.L. – É. Aí eu pedi ela que me ensine. Ela: “Tudo bem”. ...porque tradição de chinês é assim: ah, esse é um ruim ou também é bom ao mesmo tempo. Própria família, quem que pratica alguma coisa tem sempre que manter segredo e tal. Não é para passar para outros. Não é para passar. Então, mas hoje não é... Eu estava treinando no escuro. ... se tiver chance, você vem, estuda, reza, aí eu comecei medicina oriental.

F.M. – Mas não foi morar com a médica?

T.L. – Não tem chance.

F.M. – Ah.

T.L. – Mas sempre comunicando, né. Ela visita a gente, eu visito ela. Assim, sempre. Vai aprendendo, escutando, depois eu venho trabalhar, escola.

F.M. – Antes de vir por Brasil ainda?

T.L. – Não. Antes de vir, entrei. Depois parei um pouquinho, cheguei aqui, voltei para Hong Kong e estudei.

F.M. – Ah. E aí na segunda..., na, nessa, nessa volta pra Hong Kong foi quando? Em que ano?

T.L. – Olha, eu primeiro veio em 1974, 74, fui para São Paulo... cheguei em São Paulo em 76, aí fui... no Rio, depois...

F.M. – Até então ainda não tá num, num... já tinha dado aula de, de Kung Fu em Amparo, né, mas assim, em São Paulo não nesse sentido.

T.L. – Tinha sim. Eu dei aula. Eu tinha a academia. Fui enganado.

F.M. – Ah? Foi enganado?

T.L. – Porque..., é uma história que não é gostoso. Eu tinha um amigo que dava aula.

F.M. – Chinês também?

T.L. – É. Dava aula porque ajunta a família e tal. Eu falei: “Tá bom”. Eu, ele. Ele dava aula, eu administrar.

F.M. – Não era o mesmo estilo de kung fu?

T.L. – E outra pessoa ajuda como assistente. Três pessoas abre a academia e depois descobri os dois com nome sujo. ... Aí eu dei aula. Aí que me azarou. Porque todo mundo pensa que dá dinheiro, mas não é tão rápido assim. Conte o dinheiro aí quem tinha que dar aula pagou. Óh não quer, porque não tem dinheiro. E agora?

F.M. – Tava com o contrato no seu nome, tinha que pagar, né.

T.L. – Eu falei... Ah, é, num é, num é pra tá, não deveria ser. Tem aula, tem bastante menina, tem um monte de aluno também. Não é só porque é pouco tempo não, dois anos, mas não é agradável. Porque não porque eu queria. Outro assisten... assistente, depois virou mestre. Aí ele tev..., eu, depois eu falei “Eu não posso mais”. Tá muito cansado. E eu não gosto. Eu não gosto de dar aula, como diz? É muito comercial.

F.M. – Hum. O senhor prefere trabalhar com um grupo pequeno? O senhor..., por exemplo, se chegar alguém aqui pra, pra, falá: “Ah eu quero fazer kung fu”. É..., o senhor acolhe essa pessoa? Ou demora um tempo? O senhor que acaba escolhendo os alunos?

T.L. – Não, normalmente é assim: eu só tá..., eu só dou aula uma vez por semana e a Márcia que dá aula. Mais aula. E também eu tenho outro aluno.

F.M. – Mas eles usam o espaço aqui mesmo?

T.L. – Não, Márcia usa aqui. O meu aluno tem outro espaço. Mas todo mundo mantém ainda um pouquinho tradição. Não quero muita gente.

F.M. – Sim.

T.L. – E também eu procura, como diz, você praticou, você sabe bem.

F.M. – Humrum.

T.L. – Todo mundo pratica mesma forma. Se você me vence, você realmente merece, você pratica e seu mestre gosta de você é que te dá o cuidado. Concorda?

F.M. – Claro. Ele se afeiçoa ao aluno, né?

T.L. – Olha ó mesmo movimento tem um pouquinho mais de detalhe. Então esse detalhe já difere. Então esse, como diz, também tem aluno que só não agüenta muito tempo treino, treino, na agüenta muito tempo e não é bom. Tem aluno que é assim: “Ah quero treinar alguns meses”. “Ah, já, viu? Já conhece o Wing Chun e depois vai treinar outro, e depois outro.

F.M. – Hum.

T.L. – Pouca gente vem aqui e fica aqui um tempo. Eu só treino, né, três, três alunos que ficam muito tempo.

F.M. – E aí, bom, foi pra Hong Kong, voltou, ficou quantos anos lá? Nessa segunda, depois de 74.

T.L. – Toda vez eu fica meio ano, um ano. Assim, eu tenho..., as vezes a gente freqüenta até mais. Porque eu estava estudando medicina também. Eu tranca, volta para lá, continua estudando. Porque esse não tem laboratório.

F.M. – Sim.

T.L. – Medicina não é como medicina ocidental ou tem laboratório, tem cirurgia. Não.

F.M. – E, aí quando voltou para São Paulo, dessas, dessa vez em 1975, foi trabalhar com o que? Aí já voltou para trabalhar com medicina oriental?

T.L. – Não. Também eu trabalha com isso..., eu comecei é, comecei trabalhar não é publicamente, só para amigos, conhecidos, assim, acho que em 1983, por aí. Eu sou um, eu sou um T membro de Associação de América. É, 1983, tá vendo? Quando ele começou, eu sou um T membro. Aquele época comecei é..., tratar assim, mas só para conhecido. Mas depois, em mil novecentos e noventa e pouco aí um de meu aluno deixou uma sala para mim começar. Mas eu ainda tenho muito conquistar. Eu num..., agora eu me aposentei da outra profissão, eu sou..., coloca todo tempo aqui.

F.M. – Hum. E, e, mestre, é, é, o senhor teve..., como é que era seu relacionamento com outros, outros orientais aqui no Brasil. Teve algum..., teve contato com outras pessoas aqui ou não?

T.L. – Sim. Tudo que não pode é..., certo? Tudo, num pode falar que eu sou isolado...

F.M. – Hum.

T.L. – Não, como diz, pra mim num tem inimigo assim. Tudo são amigos.

F.M. – É..., porque, assim, tem uma coisa muito do, principalmente do coreano com o japonês, né, que é, o Japão ficou na coréia algum tempo, então gerou uma certa inimizade entre os dois povos e isso foi plausível um pouco pra cada, claro que não da mesma forma e nem na mesma intensidade, mas as pessoas num, num, os coreanos tem uma mágoa pequena.

T.L. – Sei, sei.

F.M. – O mestre vivenciou alguma coisa desse tipo?

T.L. – Olha, esse como diz, é passagem de história uma tristeza.

F.M. – Hum.

T.L. – Minha família, minha família não gosta de japonês. Porque sofreu, por causa de guerra, Japão invadiu China, minha família todo mundo sofreu. E felizmente, para mim felizmente nasceu em Hong Kong e sofreu menos. Sofri menos. Sofri, sofreu menos quando era pequeno. Nem sabia como que era.

F.M. – Sim.

T.L. – Então, mas durante a, a época da Faculdade, 1965, aí eu comecei atividade jovens.

F.M. – Humrum.

T.L. – Aí eu encontrei um grupo de japonês que foi..., que veio do Japão. E, ah... como se chama, desenvolvido no lugar ideologia. A ideologia dele é significa que reformar o mundo. Então chama, ah, é armamento moral. Este idéia começou com um pastor alemão, um pastor alemão. Aí, depois desenvolveu das Estados Unidos para o Japão. Aqui no Brasil também tem, mas eu não sei agora..., parece que eu ouvi falar. Aí eu encontrei eles como líderes, como pessoas que é mais exímia, fala em frente de todo mundo o que aconteceu, o que passaram. Tem japonês que tem consciência. Logicamente, sempre tem alguém muito extrema, né.

F.M. – Humrum.

T.L. – Então a gente já sente se, se gente cai canto esse oito, esse..., não vai pra frente. ...Gente tem essa idéia pra reformar, rearmar, né...

F.M. – Humrum.

T.L. – ...moral, né. Para mim... Aí aquele época eu tenho mais comunicação com japonês, Coreia. Eu era uma lidar de jovem que tava na faculdade e canto com eles até eu sair da Faculdade em 68.

F.M. – Como era o nome da Entidade?

T.L. – Chama Moral de Armamentos.

F.M. – Ah.

T.L. – Esse é um movimento. Esse não é religião...

F.M. – Hum.

T.L. – Só uma ideologia. Dizendo que se tudo mundo ama, aí o mundo vai melhorar. Se todo mundo fica mais puro pensamento, já não tem tanto esse problema social. Se é todo mundo mais generoso, então num tem a pobreza e rico tem tanto distância. Então tudo com esse idéia. Aí, e como que começa? A idéia parece ocidental, mas não é. É de oriental.

F.M. – Hum.

T.L. – Porque confucios, você sabe o que é confucios?

F.M. – Sim, sim.

T.L. – Confucios diz que você, que você quer mudar o mundo ou você quer se mudar? Primeiro você tem que se mudar. Mudar como? Você tem primeiro na idéia, tem esse vontade... Aí você começa a praticar como que ta sua habilidade. Aí, quando você... sua vida, mostrando para sua família, sua família vai mudar. Quando sua família muda, a sociedade vai mudar. Quando sociedade mudar, o país vai mudar. Todo país muda, o mundo muda. É exatamente esta teoria. Você quer mudar mundo? Começa você. Não é? Não é eu que começa. Não pode esperar você começar, só, só fala que você é mau. Você tem que começar. E quando eu to falando mau de você, eu já tô mau.

F.M. – Hum.

T.L. – Então, quem tem que começar? A própria pessoa tem que começar. Depois família, de sociedade, depois país, depois o mundo. Exatamente como os confucios falam que, mesmo época de Jesus Cristo.

F.M. – Hum.

T.L. – Até ele tem idéia maior que Jesus Cristo.

F.M. – Hum.

T.L. – Não é?

F.M. – Sim. E, bom...

T.L. – E desde aquele época, gente já muda minha visão sobre relação porque eu sei que a gente carregando mau, até ódio é muito difícil, num vai pra frente.

F.M. – Então não teve problema com os povos aqui?

T.L. – Eu não tenho. Eu, porque eu fico aqui em São..., é, aqui no Brasil? Porque eu acho o povo brasileiro, é, tem o calor humano. É mais fácil para fazer amizade. E também aqui espaçoso, o país novo, tem mais chance para viver melhor.

F.M. – Sua história da saída, né, dessa relação sua, parece muito com a história do mestre Ito, né. Que ele também... a questão que Hong Kong é uma cidade pi... é uma cidade que tava ficando pequena pra quantidade de pessoas e aí as pessoas tinham que sair mesmo por causa disso.

T.L. – É.

[Corte fita]

F.M. – Mestre, é, uma outra questão, é, justamente com relação a arte marcial. A arte marcial, né, o estilo que, é, que o senhor ensina, precisa é de algum tipo de material, uniforme, ou não, como que é?

T.L. – Olha, como eu diz, eu não gosta muito comercial. Eu gosta mais é, mais familiar. Importante que você tenha material é para fazer esporte. Espaço suficiente. Uniforme é só para um grupo um..., como dizer, uniformizado.

F.M. – Humrum.

T.L. – É só nisso. A aula é melhor. Mas fácil, já sabe o que é... certo? Então isto. Realmente não é importante.

F.M. – E qualquer um..., num, num tem que ter um fabrica especial que produz, nada disso?

T.L. – Não é necessário. Para mim, eu sou bem mais quadrado.

F.M. – (Risos). E, e mestre, é uma, é..., não..., chega a ser uma profissão pra alguém, ou não?

T.L. – Sim, sim. Tem gente que vive com isso.

F.M. – Não, mas a sua arte marcial. A que você pratica.

T.L. – Para mim?

F.M. – É.

T.L. – Eu?

F.M. – É. Não é, né?

T.L. – Para mim não.

F.M. – Mas algum aluno seu...

T.L. – Sim, sim, meu aluno sim. Por exemplo, Márcia é considera que ela tá dando aula

F.M. – Hum.

T.L. – Tem mais um aluno que ele vem dá aula. Tá dando aula.

F.M. – Mas não...

T.L. – Para mim é mais hobby.

F.M. – Mas chega a ser é comercial ou não? Não, não tanto comercial, mas assim...

T.L. – É, eu cheguei justamente aquele época entre, como chama? Mil novecentos e setenta e pouco...

F.M. – Humrum.

T.L. – Aquilo que dois anos eu dava aula. Só aquele época, mas eu ainda trabalhava pra... mas nunca vivi com isso.

F.M. – O senhor sofreu algum tipo de preconceito aqui no Brasil com relação ao...

T.L. – Sobre?

F.M. – ...a sua origem? As pessoas te trataram de alguma forma ruim por conta...

T.L. – ...medo até? Graças a Deus, até agora ninguém me tratou mau.

F.M. – Hum. Que bom.

T.L. – Só tem uma, uma vez, uma vez. A gente tava na fila da supermercado...

F.M. – Hum.

T.L. – Aí tava lá carrinho, aí o cara chegou: “É, ô Japão, volta pra tua terra”. Para mim, né...

F.M. – ...é um que tá levando o mau a diante.

[Final fita 1]

T.L. – Aí eu vou tratar ela primeiro, depois conversa.

F.M. – É melhor.

[Pausa na fita]

F.M. – É, é, mestre, então, aí quando o senhor chegou aqui no Brasil, né, em 69, depois voltou pra, voltou pra China em 74, depois voltou de novo em 75 e aí...

T.L. – Ficou..., aquele época depois quase dois, três anos voltou.

F.M. – Ah tá. Aí fucou..., ficava mais tempo aqui?

T.L. – É.

F.M. – E, e, aí já começou a trabalhar com..., na década de 80, parece né, que você já começou..., que você começou em 83...

T.L. – 83. Mas é, em 81 eu comecei a trabalhar para governo Inglês.

F.M. – Hum. Que..., qual era o trabalho?

T.L. – ãh?

F.M. – Qual era o trabalho?

T.L. – A área?

F.M. – É.

T.L. – Administração e contabilidade.

F.M. – Mas aqui no Brasil?

T.L. – Aqui no Brasil.

F.M. – Na embaixada?

T.L. – Na embaixada.

F.M. – Era Consulado...

T.L. – É.

F.M. – ãh. É, porque o senhor tem nacionalidade britânica, né?

T.L. – É. Aí como eu diz, eu não..., meu hobby é ainda isso, é treino arte marcial. Meu hobby é pintura, como é que chama? Modelagem. Esse é meu hobby.

F.M. – Eu tava conversando com a, com a Márcia, né, quanto à característica, né, do estilo, né. Como é. Daí ela tava explicando que são movimentos curtos, precisos, né. E, e eu fiz uma pergunta sobre o, o, eu não sei nem se esse é o termo, mas o quão letal pode ser a arte marcial, né, esta arte marcial. Existe um dado assim que a..., que pode ser muito letal né. Como é que é? Como funciona? Fala um pouco da arte marcial. As características, né.

T.L. – Óh, arte marcial, ah, maioria passeado um movimento de animais ou característica de animais.

F.M. – As chinesas né?

T.L. – Eu acho que não é só chinês. Se vocês analisa outro estilo, realmente o coreano, o japonês também foi influenciado pelo chinês.

F.M. – Sim.

T.L. – Então, tudo esse movimento é..., maioria passeado nisso, em movimento ou caráter. O movimento tem um... você analisa cada movimento, ele aproveita, a gente aproveita movimento de animal, aquele jeito eficiente para atacar. Ou defender. Vamos supor, ah, bom...

F.M. – Humrum.

T.L. – A forma de cobra, parece uma cobra?

F.M. – Humrum.

T.L. – A caráter dele..., a cobra não vai seguindo seu movimento, girando e girando, não. Ele vai ficar assim. Você vem aqui e fica girando, girando, fazendo em frente a você. Então, Wing Chun, nosso estilo é exatamente igual. E igual a aquele caça né, como que chama? Aquele pássaro que caça?

F.M. – Garça?

T.L. – Garça. Também ele. Ele apóia na água, calma, quando peixe vem... então gente pegou esse caráter dele. Além de característica dele, calmo, espera, paciência e calma. Aquele chance, lança um golpe mortal. Esse é característica. Então realmente, maioria também faz isso. Por que humano, não só física, é sempre mais frágil. Compara com animais. Então a gente aproveita a vantagem dos animais.

F.M. – E, e, mestre, tem alguma filosofia por trás do estilo?

T.L. – Sim. Ah, interessante, Antigamente, estilo, arte marcial não chama arte marcial. Chama marcial.

F.M. – Hum.

T.L. – Não é?

F.M. – Sim.

T.L. – Porque antigamente gente pratica isso para sobrevivência. Não é para ter uma distração, não é para ter isso. Não. É sobrevivência. Os monges que pratica, que ele mora no mato, meio afastado, ele tem que se proteger de ataque de animal, ou de bandido, mesmo tempo, mesmo tempo é, deixar o corpo em forma. Agora, essa época, já contrário. Gente coloca a arte. Então o movimento é um pouquinho mais artística, mais bonito pra vê, pra senti. E sobre luta, ele já é segunda. É mais pra saúde. Concorda?

F.M. – Sim.

T.L. – Antigamente não. Eu aprende isso para auto defesa, ou até vingança. Agora não, pode vir você pra cá pra saúde, é, equilibra fisicamente e mentalmente e tal. Antigamente já é contrário. Antigamente, efeito colateral é pra saúde. Agora é ao contrário, efeito lateral é para auto defesa. Porque arma de fogo é tão comum e tão mais fácil...

F.M. – Sim.

T.L. – ...não é? Então, sobre filosofia o que se intitulou, cê diz de filosofia?

F.M. – Sim, é, é, você, por exemplo, quando você vai olhar, é, as artes marciais coreanas, na forma com que elas se organizaram e tudo, era..., você tem uma, uma ligação muito forte com a questão do, do confucionismo na questão da organização, do sistema hierárquico, né, e na forma prática da arte marcial você vai encontrar algumas coisas do Zen budismo, algumas coisas. Ao passo que se você for analisar as artes marciais japonesas: aikido, kendo, você tem aquela presença..., uma presença forte do xintoísmo, coisas do xintoísmo que foi, é, transportadas pro código dos guerreiros, né, o xiísmo, do..., então nas artes marciais chinesas, é, existe algum..., no seu estilo existe algum tipo de filosofia oriental, que de certa forma, é, fundamenta a arte marcial?

T.L. – Filosofia é só a pessoa que trouxe coloca. Vamos supor um monge, a vida dele é monge, a vida dele é... ele anda sozinho, secretamente, para o destino dele. Ele dá aula da arte marcial. Então ta, cê entra na vida dele. Não é?

F.M. – Sim.

T.L. – Realmente, não tem nada a ver. Minha opinião.

F.M. – Certo.

T.L. – Você coloca o que quiser. Vamos supor agora você mestre de taekwondo. Mas você não acredita o quê que você recebeu, a filosofia dele. Agora a filosofia seu é faculdade, dar aula, desenvolver. Então não tem filosofia. Então, filosofia, a gente que coloca. Mas gente

aproveita ela. Vamos supor, nosso estilo é direto. Uma filosofia. Vamos supor: eu conversa contigo. Eu não gosta da sua cara, já fala. Ah, não gosto de você. Direto.

F.M. – Humrum.

T.L. – Concorda?

F.M. – Sim.

T.L. – Agora não, nossa defesa é redonda. Redondo significa uma bola. Se ou você ataca exatamente aquele ponto, chama kengi, em inglês, né, eu não sei. Ataca ali, aí ele se repousa toda. Se um pouquinho fora, ele tira.

F.M. – Ele repara.

T.L. – Então, defesa redonda. Então a gente pode concedê-la uma filosofia. Você comunicar com a gente, não vai tar um tigre. Sempre mais redondo. Redondo significa que, é, tudo mais suave. Em você mesmo que é face que, é, fácil que afasta, não é afasta, é, tirou ataque, você mesmo tempo se protege. Então é uma filosofia.

F.M. – Ah, mestre, eu fiz essa pergunta...

T.L. – Hum.

F.M. – ...né, pelo seguinte, porque é..., você tá dizendo, ah, que o, que a filosofia depois a pessoa que coloca, né?

T.L. – É.

F.M. – É, e, assim, o senhor ensinando a sua arte marcial, o seu estilo, é uma forma também de passar pros brasileiros que procuram aqui um pouco da sua cultura.

T.L. – Exato. Então a gente que coloca.

F.M. – Isso.

T.L. – Exatamente.

F.M. – Então, mas na medida que um brasileiro começa a, a, a trabalhar com a sua arte marcial. Será que ele tá conseguindo passar tudo aquilo que, que... todo o significado ou só os movimentos? Entende?

T.L. – Sim. Meu, meu jeito de passar a técnica, como diz, eu não gosta de coisa muito comercial, então gente exprica. Eu mostra minha vida como minha filosofia. Compreende o que eu estou dizendo?

F.M. – Sim, sim.

T.L. – Vamos supor, eu treino todo dia. Treina todo dia é que se aprende. Você que se controla. Eu todo dia, eu treino assim. Então você se..., fica com disciplina. Agora, controle, uma filosofia. Durante um soco, soco pode chegar aqui, num pega você. Autocontrole. Não é? Autocontrole. Eu num precisa te machucar até o ponto, até o ponto emprende filosofia, uma grande filosofia. Justamente o mundo tá tão bagunçado, justamente, não chegará a tempo. Para mim, eu sempre avisa, sempre fala com meu aluno. Passou e não chegou é mesma coisa que você não conseguir. Vamos supor, uma pessoa falar: “Óh, eu vou treinar bem”. Todo dia eu treina 8 horas, certo? Duramente, duro. Esse é passo. Por quê? Você não começar cuidar da sua vida mais, do dia a dia, você só treina como loco fanático. Passou e com não chegou, a pessoa: “Ah, quando eu tenho vontade eu treino”. Também, houve efeito extremo.

F.M. – Humrum.

T.L. – Um passou do limite, outro nem chegou. Não é mesma coisa? Porque um passou, pode prejudica vida dele, prejudica fisicamente ou ..., ou qualquer coisa passou do limite. Outro, nem, nem, só fala: “Eu vou treinar”, mas num chegou no ponto que não tem efeito nenhum. Se precisa, vai levar, não é?

F.M. – Sim.

T.L. – É mesma coisa. Então esse é filosofia da vida do dia a dia. Eu não tenho livro, eu não tenho papel para transmitir para meu aluno. Mas todo dia o movimento que tem, o movimento que eu, que eu, é, que eu ensinei, tudo tem..., a coisa ligando daqui, da vida de dia a dia. Vamos supor que depois treino suando, ele vai falar: “Não para, fica andando, enxuga suor, senão você pega vento, você vai ficar resfriado. Não toma água, não come coisa..., não tome água gelada porque choque térmico. Esse é do dia a dia, esse é filosofia da vida. É como a..., é como os confucios. Confucios nunca escreveu livro, sabia?

F.M. – Hum. Os outros que depois escreveram.

T.L. – Exato. Se a pessoa fábrica: “Ah, essa é filosofia de meu estile, é assim” Então ele que colocou. Ele que inventou. A gente tem que coloca a filosofia que dá aula é de dia a dia. Não adianta que falando: Óh, vamos estudar isso”. Esse é minha idéia.

F.M. – Então, resumindo, a pessoa tem que as..., vai aprender uma filosofia praticando arte marcial, mas praticando a arte marcial, não alguém falando ou coisa do tipo.

T.L. – Não adianta. Não adianta, você não segue. Não sente.

F.M. – É, mudando um pouco o, o assunto, o senhor chegou aqui, viveu todo essa, esse período no Brasil, esse, é, fim dos anos 60 e início dos 70, era um período meio tumultuado no Brasil, com polícia na rua, é, tinha o problema do governo militar e tudo, né. Alguns mestres que eu entrevistei, eles vão..., eles..., muito deles ensinaram a polícia a arte marcial. O senhor teve uma experiência desse tipo?

T.L. – Não.

F.M. – Nunca teve relação com policial?

T.L. – Não. Porque primeiro, eu estava no interior. Interior, sabe a vida de interior? Todo mundo amigo.

F.M. – Humrum.

T.L. – Não..., eu me lembro uma vez. Eu já te falei né, eu, é, eu, quando eu estava na Faculdade, tem aquele revolução de moral, né...

F.M. – Humrum.

T.L. – Armamento moral, né? Eu me lembro que no grupo de jovens chegou comigo algum dele falava, é, inglês, né. A gente comunica. Aí pergunto o que ele faz. Aí eu descobri que ele, também um grupo de pessoa que desenvolveu ideologia através de palestra, através de teatro. É semelhante ao que eu aprendi. Aprendi da, é, Moral de Armamento. Aí eu explica, sobre aquele época ruim, né, sobre liberdade, sobre isso né, democracia, né... Aí falo. Eu num sabia que regime militar assim. Um dia chegou um rapaz: “Oi tudo bem”? Num conhece, mas ele me conhece. “Eu sou amigo do seu patrão. Eu queria conversar contigo”. “Sim”. “Eu sou polícia...” Aqui em São Paulo.

F.M. – Aqui em São Paulo?

T.L. – É. “Num fala sobre isso, governo num gosta”. Eu só, só recebi aviso deles uma vez, só. Mas ele ficou como meu amigo. Sempre gente saí. Para paz.

F.M. – Porque aquela, a..., você de certa forma falava as, as coisas que você tinha aprendido nesse grupo de jovens na China.

T.L. – A gente falava: “Óh, é, liberdade custa caro” Você tem nece... como que é? Você tem que fazer sacrifício.

F.M. – Humrum.

T.L. – Você tem que... para ter. Então esse baralho é meio...

F.M. – Humrum.

T.L. – Né? Aquele época era meio forte, né?

F.M. – Hum.

T.L. – E a pessoa que era contra a revolução lá na China, contei uma coisa que eu sabia, mas não é bom, né, aquele regime. Mas tudo bem, eu passei época num, num sei de nada.

F.M. – Não teve nenhum tipo de perseguição?

T.L. – Não, não. Nada, nada.

F.M. – Só esse recadinho aí.

T.L. – É, só o recadinho. “... mas num fala, num fala tanto disso”.

F.M. – Aí como..., o mestre não queria confusão.

T.L. – Ah, não. Para mim, aquele época da faculdade, aquele época, como chama? Esse movimento de, isso, já passou. Tudo passa. Eu não quero, antigamente tem aquele coragem, aquele..., como chama? É...

F.M. – Ímpeto.

T.L. – É, de explicar, né, de falar, né. Agora, já passou época.

F.M. – E, é, pra gente finalizar, de alguma forma então o senhor acha que, o, o seu convívio, a sua sobrevivência aqui em São Paulo, é, teve a ver com a..., com o fato da arte marcial, de tar ensinado e tudo?

T.L. – Não, realmente esse, como sempre trata esse como meu hobby...

F.M. – Hum.

T.L. – E a pessoa que me aproximar, pedir que dá aula, se eu acho que ele merece ou ele que realmente tem vontade, eu tenho mão aberta. Eu acho que gente não pode segurar tudo esse para gente e levar para caixão.

F.M. – Então o senhor ensina o seu estilo?

T.L. – Ensino, mas também eu já meio afastado.

F.M. – Humrum.

T.L. – Não é? Primeiro, sabe quando eu entrei, quanto ano eu tenho?

F.M. – 43, né?

T.L. – 65. Eu já tenho 65, então eu já me afasto.

F.M. – Hum.

T.L. – Deixa o jovem... Certo? Segundo, eu já tenho outra profissão, então tenho que prestar mais atenção nisso, mas se tem que de deixar a pessoa que me repetir alguma coisa, que eu posso, que passar alguma coisa, minha mão na roda. Eu não tenho, num queria manter como secreto.

F.M. – Sim.

T.L. – Por exemplo, antigamente Wing Chun tem três formas. A última forma chama “Piu Gi”, tá tudo dentro. Tudo ataca, ataque violento. Antigamente como se era este forma não sai porta da casa. Significa que não ensina ninguém, ou a pessoa da família ou com certeza é...

F.M. – Humrum. O senhor aprendeu tudo, tudo do seu estilo?

T.L. – Sim.

F.M. – Todas as técnicas?

T.L. – Olha, aprender tudo, eu num posso falar. Sempre tem alguma coisa.

F.M. – É, sim.

T.L. – Aprende a forma é fácil. Agora, aprender mesmo, juntar mentalmente, eu não posso dizer que eu aprendi.

F.M. – Por que sempre tem uma técnica que precisa mais de aprimoramento?

T.L. – Não é só técnica. É, como diz, é como uma pintura. Você pode copiar exatamente igual. Mas num, num é igual como aquele pintor. Espírito. Concorda?

F.M. – Consegui entender.

T.L. – Por isso, você tá vendo? Você aprendeu tudo? Esse é... realmente é, eu sempre tá dizendo para meu aluno: “Você é um balde nesse tamanho. Eu sou um copinho assim”. Outro tem um corpo um pouquinho maior, então quando você coloca água, tá cheia, tá cheia. Não importa que você..., o tamanho de você. Significa que você pode chegar lá. Mas do que isso, derra...

F.M. – Derrama, perde.

T.L. – Derrama, perde, não é? Então, até você chegar, a gente nunca pensa que é..., eu já tô máximo. Bom, capaz, para ele é máximo lá, falou ali.

F.M. – Humrum.

T.L. – Certo? Mas sempre até um ponto, né

F.M. – E, bom, até esqueci o que eu ia falar, mas... Eu acho que é isso mesmo. Que eu ia perguntar sobre filosofia, mas tinha uma pergunta que acabou me escapando agora [risos] mas tudo bem. É... é, mestre, como é que o senhor vê então hoje a questão da arte marcial, é, em São Paulo. Hoje a gente tem muitos brasileiros trabalhando com isso, como é que o senhor vê essa questão?

T.L. – Eu acho que tem dois significação para isso. Um tá certo, todo mundo gosta dessa arte, desse modelo...

F.M. – Humrum.

T.L. – ...tá tudo certo, espalhando...

F.M. – Humrum.

T.L. – Tem que..., mesmo tempo é ruim. Como gente já mencionou, aprendeu, algum mestre já abri...

F.M. – Abriu academia.

T.L. – Agora você me pergunta, você aprendeu tudo? Se você pergunta pras pessoas, o que ele vai falar?

F.M. – Se a pessoa quer ganhar, quer ganhar a vida com isso, vai falar que sabe tudo, né.

T.L. – Então, a gente pode pensar um pouquinho mais profundo. Um lado é bom, que é deixa a fé, outro lado é ruim, tudo superficial. Concorda?

F.M. – Com certeza.

T.L. – Então, esse que é uma coisa triste.

F.M. – Sim. E a questão, é, como é que o senhor vê a questão dessas artes marciais que estão se tornando um esporte?

T.L. – Bom, é, se tornando esporte, oh, lá na China, gente treina agora, eu não eu num treinei. Agora maioria ta fazendo dois tipos de arte marcial. Um é para cumprir missão. Esse de cumprir missão é, ah, o governo autorizou departamento de esporte que formou, você quer competir, você tem que fazer isso, isso, esse forma, esse forma, esse forma. Então, que estilo? Não tem estilo. Vai ver, tem cá um movimento de esse, um movimento daquele, então formando a forma. Aí esse é, é pular, executar,... Então você conforme o que governo te dá, você treina e concretiza. Até luta, tudo limitado, com esse... Então esse é..., considera como modelo para concretizar. Agora, outro, é, tradicional. Tradicional, você tem que fazer exatamente que o... pedir. Então aqui, agora lá, tem esses dois formas.

F.M. – Aqui, então, porque aqui também o que aconteceu com algumas artes marciais, principalmente por causa do taekwondo, na medida que ele se tornou esporte olímpico, é, ele se tornou esporte e depois esporte olímpico, nas academias você vai hoje e você tem..., você vê que está sendo privilegiado apenas alguns golpes que são mais...

T.L. – Violentos?

F.M. – Não, não necessariamente violentos, mas que são eficazes pra competição.

T.L. – Ah, é.

F.M. – Então, é, não tem mais a arte marcial.

T.L. – É só mais é..., tudo amarrado.

[Final do lado A]

T.L. – Nossa técnica usa tudo o quê que gente aponta.

F.M. – Hum.

T.L. – Agora não pode. Gente, chute baixo, não chuta alta, máximo na cintura. Então, significa o que? Eu não vou chutar a sua coxa. Eu num vou chutar a, a, a sua perna. Eu vou chutar tudo que é impor..., é, o ponto. No joelho,...

F.M. – Hum.

T.L. – ...na calcanhar, na genital. Então? Isso não pode. Então quê que a gente pode fazer? A mão, a gente usa a..., aqui todo mundo usa luva, num pode usar... Gente usa cotovelo, num pode. Então o quê que ele pode?

F.M. – Hum.

T.L. – Vamo perder tudo. Vamos supor, forma de cobra, tudo, tudo dentro. Então não tem, não tem como. Ou ele falou: “Óh, um competição de tradicional”. Aí, deixa livre. É maior perigo, aí qualquer golpe pode matar. Então, e nesse caso tem um monte de coisa que tem vantagem, mas tem desvantagem.

F.M. – Mestre, eu acho que era só isso, assim, a gente até extrapolo, queria agradecer a, a gentileza de ter me recebido, de ter, é, atendido o meu pedido, né...

T.L. – Mas eu não sei o quê que eu falei, é, serve alguma coisa?

F.M. – Serve, serve muito.

[FINAL DA ENTREVISTA]